

As imagens do nordestino retirante na teia interdiscursiva de "Emigração" de Patativa do Assaré

The Imaginary of the Northeastern Migrant in the Interdiscursive Web of Emigração by Patativa do Assaré

Valnecy Oliveira CORRÊA-SANTOS 

Universidade Federal do Maranhão
São Luís, Ma, Brasil
valnecy.correa@ufma.br

Alexia da Silva dos SANTOS 

Universidade Federal do Maranhão
Bacabal, Ma, Brasil
santos.alexia160@gmail.com

Resumo: Este trabalho apresenta uma leitura do cordel *Emigração*, de Patativa do Assaré, por meio da qual analisamos o discurso sobre a emigração no contexto nordestino, conforme retratado no poema. O método utilizado foi o proposto por Pêcheux (2016) para a leitura em Análise do Discurso. Nas etapas de leitura e releitura do cordel, consideramos as pistas discursivas materializadas no texto e, assim, analisamos, por meio da constituição discursiva da imagem do retirante nordestino, como o discurso de crítica social se materializa no cordel; quais discursos atravessam o discurso sobre a emigração e como o discurso de denúncia social mostra-se no cordel. A base teórica para análise do *corpus* foi Pêcheux (2014; 2015b) e Maingueneau (1996). A leitura nos fez observar como discursos inter-relacionam-se, constituindo uma teia interdiscursiva, na qual observamos o discurso de denúncia social. A imagem que se constrói do nordestino retirante é de uma vítima do abandono social, um sujeito marcado pelo determinismo social. O discurso sobre a emigração apresenta o sair da terra natal como uma necessidade de sobrevivência, ancorada pela ideologia de viver dignamente no Sudeste.

Palavras-chave: leitura; discurso de emigração; interdiscurso; determinismo social.

Abstract: This paper presents a reading analysis of the cordel poem *Emigração*, by Patativa do Assaré – in which we analyze the discourse about emigration in the

northeastern context portrayed in the poem. The method used was the one proposed by Pêcheux (2016) for reading in Discourse Analysis. Through a close examination of the poem, we explore the discursive clues embedded within the text. This allows us to analyze how the image of the northeastern migrant is constructed discursively, how social criticism emerges in the poem, and how various discourses on immigration intersect, with the poem ultimately serving as a vehicle for social denunciation. The theoretical framework for the analysis of the corpus is based on the works of Pêcheux (2014, 2015b) and Maingueneau (1996). The reading reveals how discourses interconnect, forming an interdiscursive web in which the discourse of social denunciation emerges. The image constructed of the northeastern migrant is that of a victim of social abandonment, a subject marked by determinism. The discourse on immigration portrays leaving one's homeland as a survival necessity, driven by the belief that migrating to the Southeast offers the possibility of dignity.

Keywords: reading; migration discourse; interdiscourse; social determinism.

1 INTRODUÇÃO

Neste texto, analisamos *Emigração*, poema do cordelista cearense Patativa do Assaré, tendo como objeto de análise o discurso sobre a emigração no contexto nordestino, conforme retratado no poema. Organizamos o texto em três partes. Na primeira, apresentamos os conceitos da Análise do Discurso (AD), utilizados como embasamento teórico: discurso, sujeito, intradiscurso, interdiscurso e formação imaginária. Na segunda, apresentamos os métodos de leitura que nos possibilitaram a análise do cordel. Neste ponto, destacamos o discurso literário sob a perspectiva pragmática trazida por Maingueneau (1996). Por último, a análise do cordel. Analisamos, por meio da constituição discursiva da imagem do retirante nordestino, como o discurso de crítica social se materializa no cordel; quais discursos atravessam o discurso sobre a emigração e como o discurso de denúncia social se mostra no cordel.

2 A ANÁLISE DO DISCURSO E A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO

A Análise do Discurso (AD) compreende a língua como realização histórica e social. Isso implica compreender que, quando os sujeitos a utilizam para interagir entre si, seja oralmente, seja por escrito, produzem

discursos e só assim conferem sentidos aos dizeres. Nessa relação, a AD é uma teoria que dialoga sobre a construção do sentido no discurso, materializado nas relações entre sujeitos.

Em nossa análise, buscamos compreender o dizer materializado no texto, o cordel *Emigração*, numa dada condição de produção: a narrativa da saga de uma família de nordestinos retirantes por um sujeito social, um narrador que assume a posição de co-enunciador. Assim, para iniciar o diálogo sobre o que é dito em *Emigração*, tematizamos os pressupostos teóricos dessa vertente de leitura, interpretação e análise. Dividida em dois tópicos, na abordagem, apresentamos os conceitos de sujeito e discurso, no primeiro; os conceitos de formação discursiva, formação imaginária, intradiscurso e interdiscurso, forma-sujeito, no segundo.

2.1 Sujeito e Discurso

A leitura que ora apresentamos do cordel *Emigração* tem como princípio norteador a perspectiva de que o dizer é sempre um espaço ocupado por outros dizeres e de que o sujeito que diz é constituído sócio-histórica e culturalmente (Pêcheux, 2009). Com base nessa proposição inicial, ressaltamos que, embora a autoria do cordel analisado seja atribuída a Patativa do Assaré, compreendemos que há, no texto, um sujeito que fala — o narrador — e que ocupa uma posição social.

Pêcheux (2014), para formular sua teoria, toma como referência a teoria saussuriana, questionando a concepção de fala. O autor considera a língua como forma de materialidade dos discursos. O conceito de discurso surge do questionamento que ele constrói sobre a fala que não pode ser compreendida como individual, pois sua ocorrência é situada. Um falante sempre diz a partir de um lugar que o constituiu como sujeito. Assim, o dizer é atravessado por dois espaços discursivos: “o da manipulação de significações estabilizadas, normatizadas por uma higiene pedagógica do pensamento, e o de transformações de sentido, escapando a qualquer norma estabelecida a priori, de um trabalho do sentido sobre o sentido” (Pêcheux, 2015b, p. 51). Nessa perspectiva, as palavras não têm um sentido previamente estabelecido, ele é estabelecido na interação. A materialidade textual é que irá dizer quais os sentidos, quais discursos estão contidos nele.

Olhar para a materialidade textual é, segundo Pêcheux (2010), uma ação de leitura.

O conceito de sujeito é fundamental para a compreensão do que é leitura em AD, pois contribui para a reflexão acerca de como o efeito de sobredeterminação que afeta o sujeito opera sobre o sentido. O sujeito, vale destacar, não é o humano, o indivíduo que diz eu, mas a posição social que esse indivíduo representa. Ao dizer, o sujeito retoma um já-dito, no qual discursos emergem e constituem sentidos por meio de um espaço de memória. Isso pode ser percebido na língua, a base dos processos discursivos. O sujeito do dizer acredita que constrói os sentidos quando fala ou escreve, porém, segundo Pêcheux (2009), os sentidos já foram pré-construídos histórica e socialmente. O sujeito apenas os mobiliza, atualizando-os no discurso.

Pêcheux (2014) apresenta o sujeito como uma posição social. Assim, o lugar ocupado por ele é um espaço de determinação ideológica. Um professor falará como tal numa reunião de pais, por exemplo, mas, quando ocupa um lugar de pai, no mesmo contexto, é previsível que haja mudança de posição e de discurso. Esse sujeito não é a fonte do que diz, são as determinações ideológicas que definem seu dizer, embora isso passe despercebido. No cordel *Emigração* de Patativa do Assaré, é apresentada a trajetória dos retirantes, as causas e as consequências disso. A posição do sujeito narrador é a de alguém que conta o que observou, mas o faz sob a ótica do nordestino.

Nessa perspectiva, o fato de um sujeito assumir o ato de dizer cria a ilusão de ser a fonte do que está materializado no texto. No cordel em análise, a posição sujeito ocupada pelo retirante é observada nas falas do narrador que, mesmo não migrando para o Sudeste, toma essa posição para contar a história dos retirantes, a partir de sua vivência de nordestino.

Maingueneau (2013, p. 61) explica que o sujeito é, no texto, “fonte de referências pessoais, temporais e espaciais”. Isso significa que ele se mostra no texto por meio da língua e, somente assim, pode ser observado e analisado. O dizer é subjetivo, porque é construção, mas o sentido já está posto. É com base nessa perspectiva que Pêcheux (2009) apresenta o sujeito como assujeitado. Ele não cria os sentidos, apenas os mobiliza.

O discurso resulta dos sentidos que o sujeito mobiliza. Ato que, segundo Orlandi (2012, p. 115), é a “materialização dos significantes na historicidade”, reflexo do “jogo ideológico”. O discurso exprime, desse modo, a realidade do sujeito que o produz. Assim como o sujeito, o discurso também se mostra por meio do texto, em sua materialidade, o produto das relações sociais entre indivíduos. Ele é uma prática social, lugar onde o sujeito se estabelece como tal e no qual os sentidos se relacionam. O texto é, assim, analisado como concretude dos efeitos de sentido propostos nos discursos que são reverberados no bojo da sua disposição e organização textual.

Com base nesses postulados, durante a análise do cordel, buscamos observar o comportamento dos sujeitos, na relação entre a posição e o dizer, com vista a observar os discursos e a existência de deslocamentos, isto é, se o sujeito muda de posição ao longo do texto.

2.2 Formações imaginárias e discursivas no jogo do interdiscurso

O processo de materialização do discurso ocorre, segundo Pêcheux (2015b), em espaços denominados formações discursivas (FD). Para compreender o que são esses espaços, podemos relembrar os Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE) apontados por Althusser (1985). A igreja, por exemplo, é compreendida por Althusser como AIE. É, principalmente, nesse espaço, que o discurso religioso é produzido e se sustenta, contudo não é apenas na igreja que ele circula, mas em vários outros ambientes e de diferentes formas. Esses espaços discursivos são os das formações discursivas. Santos (2020) compara o espaço das FD com galhos que fazem parte de uma mesma árvore, a da formação ideológica. O discurso religioso está na base da formação ideológica, já os diferentes discursos que se constituem a partir dele (os que se alinham e os que se opõem, por exemplo) circulam nas FD. Dessa forma, as FD seriam o espaço discursivo em que o sujeito ideológico se constitui como tal.

Vale ressaltar que, nesse espaço de constituição do sujeito, não há apenas um discurso, mas um feixe, numa relação em que um se torna mais significativo e se mostra no dizer. Assim, em relação à construção de sentidos em um discurso, as ligações e interações entre uma e várias outras

FD, ou ainda entre um e outro discurso, devem ser levadas em conta. Tais ligações podem ocorrer na estrutura linguística do dizer (intradiscurso) ou em sua subjacência, no não-dito (interdiscurso). O intradiscurso encontra-se no nível da formulação do dizer, pois ele junta e organiza os sentidos dispersos na FD em que se encontra. Segundo Courtine (2014, p. 84), esse nível de formulação é o nível de uma sequência discursiva concreta, “estado terminal do discurso”, na medida em que manifesta uma certa “coerência visível e horizontal dos elementos formados”, ou seja, um intradiscurso. O autor explica que toda a sequência discursiva ou discurso concreto existe, portanto, no interior do “feixe complexo de relações” de um sistema de formação: “um nó em uma rede” (Courtine, 2014, p. 84).

Numa dada FD, o intradiscurso apresenta-se como um discurso concreto e como um conhecimento objetivo, ao qual o sujeito que o (re)produz considera-se fonte, mas não é. O que ele diz, já foi dito antes, é conhecimento pré-construído. O sujeito é responsável por estruturar o dizer, o novo está no como diz, não, necessariamente, no que diz.

Em *Emigração*, na estrofe 12, versos 6 a 10 — “quem quiser ver a feição / da cara da mãe da peste, / na pobreza permaneça, / seja agregado e padeça / uma seca no Nordeste.” — o sujeito cita a expressão “mãe da peste”. Por meio desse recurso aciona tanto a sua quanto a memória discursiva de seu interlocutor. A voz do narrador mostrada nos versos está no plano do intradiscurso, mas o que ele diz, o sentido construído nos versos é do plano do interdiscurso. A comparação entre ver a feição da mãe da peste e passar uma seca no Nordeste se constitui por meio do pré-construído, do interdiscurso. O sentido se constitui num feixe de relações semânticas e discursivas.

O interdiscurso é, assim, do nível da constituição. Nele, os vários discursos presentes em uma FD se cruzam, relacionam-se e se misturam uns aos outros. A expressão “cara da mãe da peste” traz consigo o sentido de cara como imagem, significação metonímica do ser; o discurso da origem em mãe. O sentido da expressão se completa com o determinante “da peste” que traz à memória algo funesto, assustador. O retrato da seca no Nordeste como algo assustador é ampliado nessa relação. Entendemos a presença desse dizer como resultado das interpelações ideológicas de discursos que emergem na fala do sujeito por ação do inconsciente, do

interdiscurso. A retomada de mãe como origem e de peste como algo muito assustador estão presentes no imaginário social, são marcas do interdiscurso.

A formação imaginária é, segundo Pêcheux (2014), um “efeito de sentidos” entre sujeitos nos processos discursivos. Nela, há dois lugares instituídos: “o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (Pêcheux, 2014, p. 82). Nesse jogo, a imagem das situações e posições que os sujeitos têm sobre si (A), sobre os outros (B) e sobre um referente (R) se mostra no texto, materializada no léxico e na sintaxe. A formação imaginária constrói, portanto, os retratos que o sujeito tem ou faz sobre os outros e sobre si.

Com base no exposto, partimos para a leitura do cordel *Emigração* e, ao fazê-la, reiteramos que a análise dos discursos nele presentes toma como referência os conceitos da AD, bem como a concepção de que há um sujeito que diz no texto e, em seu dizer, materializa discursos e, neles, ideologias.

3 OS PASSOS DA LEITURA DE *EMIGRAÇÃO*

Analisamos o cordel do poeta cearense Patativa do Assaré, *Emigração*, no qual o autor narra a saga de uma família nordestina que deixa sua região, fugindo da seca, em busca de um “futuro melhor”, no sudeste do Brasil. O texto base para análise foi o publicado no livro *Cordéis e outros poemas* (ASSARÉ, 2006). Esse cordel, em algumas versões, tem por título *Emigração e as consequências* e *Emigrante nordestino no sul do País*. É formado por 42 estrofes (36 em sua versão reduzida), cada uma com 10 versos (décimas). Foi publicado por Patativa do Assaré, em 1978, no livro intitulado *Cante lá que eu canto cá* (2014). Considerando sua extensão, optamos por não colocar o texto na íntegra, mas por deixar, em nota de rodapé, um link para acesso¹.

A leitura do cordel *Emigração*, que passa a ser considerado *corpus* de análise, fundamentou-se na abordagem teórica da Análise do Discurso (AD). Utilizamos o método leitura-trituração de Pêcheux, o qual envolve quatro operações: “recortar, extrair, deslocar, reaproximar” (Pêcheux, 2016, p.

¹ ASSARÉ, Patativa do. *Cordéis e outros poemas*. Fortaleza: Edições UFC, 2006. Disponível em: https://docs.fct.unesp.br/grupos/gepep/cordeis_poemas.pdf

25). Com base na reconstituição desses processos, procuramos encontrar os caminhos para compreender as ligações entre os enunciados do texto e as relações que se estabelecem entre eles para formar os discursos, com atenção às imagens, temas e figuras que se mostram em seu emaranhado. Nessa perspectiva, a análise considerou as marcas deixadas na materialidade textual, as formas que o sujeito usou para (res)significar, parafrasear um já-dito e como ele retomou e (re)escreveu discursos para balizar e sustentar seus “próprios” discursos.

A investigação buscou analisar como é retratado o nordestino retirante no discurso poético de Patativa do Assaré. Para tanto, procuramos “cercar o sentido de uma sequência (de extensão indeterminada) por meio de suas possibilidades de substituição, comutação e paráfrase” (Leon; Pêcheux, 2015, p. 165). Ao analisar a imagem do retirante no cordel, por exemplo, consideramos os termos utilizados para referir ao sujeito.

Pêcheux (2014, p. 83) explica que o referente é “um objeto imaginário”, constituído na relação entre o real da língua e o real da história. Isso implica entender que os referentes são pré-construídos, definidos nas práticas sociais, culturais e históricas. Percebemos, nos referentes usados no cordel, a influência da formação cultural do sujeito que narra e nomeia a si e aos outros; bem como nas passagens de discurso direto, quando o retirante atribui referentes a si. Nos dois casos, há estereótipos culturais relacionados a pessoas do Nordeste.

Assim, em nossa análise, buscamos as possibilidades de leitura para apreender discursos por meio do linguístico. Nessa perspectiva, organizamos a leitura em três momentos. No primeiro, reconstituímos a imagem do nordestino retirante, tendo como referência o conceito de formação imaginária; no segundo, investigamos se outros discursos atravessam o discurso sobre a emigração em a Emigração; e, no terceiro, examinamos se o discurso de denúncia social se mostra no cordel.

3.1 O texto de cordel como objeto de análise de discursos

Ao analisar o cordel *Emigração*, partimos da concepção de que o texto de um cordel é uma representação da cultura popular, um objeto do social, campo fértil para a manifestação de diversos discursos. Essa

compreensão favoreceu situar a leitura do texto em uma dada condição de produção. Não consideramos o autor como parte da análise, por isso não citamos sua bibliografia, por exemplo. Propusemo-nos a analisar versos e estrofes com base nos sujeitos neles observados — o narrador e o retirante. A compreensão do que é um cordel também nos direcionou para a análise das temáticas.

O cordel analisado traz temas recorrentes, como a religiosidade e a crença em experiências, o costume de existirem agregados que trabalham nas fazendas em troca de moradia e um pedaço de chão para morar e plantar, as dificuldades enfrentadas nos períodos de estiagem. Assim como outras narrativas de cordel, o cordel aqui analisado também traz um tom de protesto e denúncia, principalmente ao abordar a situação que é tema central — a saída da terra natal, fugindo da seca — à qual relaciona a fome, a pobreza, o abandono, a decisão de partir, a vontade de ficar, a chegada na terra distante, o estranhamento, a saudade, os perigos da cidade grande e a exploração.

A escolha do cordel *Emigração*, como *corpus* desta pesquisa, considerou a singularidade utilizada pelo poeta para dizer sobre o que o povo nordestino passa e sente, bem como a possibilidade de observar o movimento discursivo que se mostra no texto, fazendo emergir o político, o ideológico, o simbólico no linguístico, texto como uma “inscrição da língua na história” (Orlandi, 2012). Nessa perspectiva, a leitura e análise constituem-se um trabalho de (re)constituição de memórias discursivas socialmente difundidas.

É importante destacar que, ao citarmos memória, referenciamos Pêcheux (2015a, p. 46) e a compreendemos conforme ele a descreve: “aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ [...] de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível”. O ato de ler envolve, portanto, o resgate da memória e o estabelecimento de relações entre o presente do texto e o tecido da história.

3.2 O poema como objeto de análise do discurso literário

Na análise do cordel *Emigração*, além do linguístico-discursivo apreendido por meio do método de leitura-trituração de Pêcheux (2016),

consideramos as possibilidades de leitura do texto e do discurso literário propostas por Maingueneau (1996).

O primeiro elemento é a instância “narrador”. No cordel, ele atua como guia do leitor no decorrer da saga e na constituição de um sujeito retirante, apontando-lhe as referências de discursos em todo o texto. Dentro das possibilidades de leitura, optamos por utilizar o termo *narrador*, para apresentar a voz mais recorrente no texto. Maingueneau (1996) concebe o narrador, como co-enunciador. Segundo ele, o narrador é “não é o substituto de um sujeito falante, mas *uma instância que só sustenta o ato de narrar se um leitor o coloca em movimento*” (Maingueneau, 1996, p. 32, grifo do autor). É a ferramenta que o leitor usa para dar movimento à narrativa. No cordel *Emigração*, é o narrador quem conduz, no decorrer dos versos e estrofes, a saga do nordestino e constitui-se como um sujeito que melhor a conhece. Ele ocupa a maior parte do espaço enunciativo: apresenta os acontecimentos, descreve os sentimentos das personagens, marca os discursos que orientam o sujeito a assumir a posição de retirante e até os vazios e silenciamentos presentes no texto.

O segundo elemento a se considerar para a análise do cordel, no discurso literário, é o leitor, ou seja, para quem se produz o texto. Maingueneau (1996, p. 39, grifo do autor) destaca que “para elaborar sua obra o autor deve presumir que o leitor vai colaborar para superar a ‘reticência’ do texto”. Em *Emigração*, o narrador se dirige ao leitor por meio de vocativos — “Leitor, a verdade assino”; “Meu leitor, não tenha enfado; “Leitor, veja o grande azar — que o destacam para chamar sua atenção na leitura, tratando-o como enunciatário direto, para quem produziu o cordel.

É interessante observar como o narrador utiliza constantes recursos para dialogar com o leitor, o que nos faz pressupor que este sujeito criou a imagem de um leitor com base na posição que ocupa: é do Nordeste, trabalhador da roça e conhece a realidade de quem fica e de quem se retira. Coloca-se, portanto, como sujeito autorizado a contar sobre o outro — o retirante: “Leitor, a verdade assino” (verso 1, estrofe 6). Nessa relação, a posição do leitor encontra-se com o que Maingueneau (1996) denomina “leitor cooperativo”. Na análise do cordel, é na posição desse leitor que nos colocamos.

Considerando o exposto, como metodologia de leitura, desenvolvemos passos circulares, ou seja, lemos e relemos muitas vezes o texto, destacamos, recortamos enunciados e os relacionamos com outros do mesmo e de outros textos. Tais ações buscaram conectar o linguístico ao discursivo, reconstituir os processos discursivos, sempre considerando a materialidade textual, o que está no texto é que direciona para o que está fora dele. Assim, na seção que segue, apresentamos a análise do texto.

4 UMA LEITURA DE *EMIGRAÇÃO*

O cordel *Emigração* traz como temática principal a saída do nordestino para o Sul, devido à seca. Há, na história, um narrador cuja voz é predominante. Ele relata a trama familiar dos retirantes desde o Nordeste até o Sul. A história é contada em primeira pessoa do singular, trazendo para o texto as perspectivas do narrador sobre as personagens, os locais em que se passam os acontecimentos e sobre as ações por eles tomadas. O “pai de família” é o guia rumo à metrópole. O narrador conta a trajetória e o encontro com as adversidades do ambiente urbano, como as dificuldades financeiras, o subemprego, a criminalidade e a prostituição. Nisso constrói o relato sobre os destinos tomados pelos personagens, com destaque para o filho e a filha do retirante.

Os membros da família são retratados como sujeitos vítimas de abandono social, como no verso “ninguém vê, ninguém assiste” (verso 6, estrofe 20), marginalizados, independentemente do local em que se encontram: no Nordeste, padecem a dor da fome por conta da seca e sem lar, por serem despejados pelo patrão; no Sul, mais uma vez sem lar, moram na rua, trabalham para receber muito pouco e por isso acabam sofrendo privações e injustiças nesse novo ambiente tão distante do seu “caro torrão” (verso 6, estrofe 14).

Com base nessa primeira apresentação, buscamos reconstituir, no cordel, a imagem do nordestino retirante, tendo como referência o conceito de formação imaginária e o espaço ocupado por A, o sujeito retirante, representado pelos membros da família apresentada no cordel — pai, mãe e filhos. Esse espaço representa, segundo Pêcheux (2014, p. 82), a imagem que o sujeito constrói de seu próprio lugar e do lugar do outro. O narrador é

compreendido como sujeito que ocupa a posição B no esquema de formações imaginárias. Esse sujeito constrói de A (o retirante) uma imagem, tendo como referência suas vivências.

Em *Emigração*, há duas imagens construídas pelo narrador. Primeiro, ele constrói a imagem de si. Nas cinco primeiras estrofes, apresenta-se como poeta da roça, com mãos calejadas pelo cabo das ferramentas. É nordestino, vive numa “batalha danada” (verso 1, estrofe 4), mas não deixou o Ceará. É alguém que conhece a vida de um nordestino. Na função de co-enunciador, aproxima-se do sujeito retirante, ao incorporar o lugar de “poeta nordestino” (verso 2, estrofe 2), “poeta da roça” (verso 8, estrofe 1) e ainda de “caboclo roceiro” (verso 5, estrofe 3), assumindo a mesma posição social do sujeito retirante, um trabalhador que conhece as dificuldades da vida no sertão, as condições de pobreza nesse ambiente. Por esse motivo, pode narrar com conhecimento de causa as desventuras do sujeito retirante. Apesar de se colocar nessa posição, o narrador tem de si a imagem de alguém em condição mais favorável que a do retirante, apresentado no cordel como “desgraçado” (verso 8, estrofe 4). Assim, podemos observar que ele conta a saga do nordestino, sem vivê-la, é exterior aos acontecimentos.

Ao construir a narrativa, o sujeito narrador vai deixando os rastros de uma teia interdiscursiva que reitera a constituição histórica do sujeito nordestino retirante, apresentado como um sujeito que “na mais cruel indigência” (verso 3, estrofe 13) deixa a terra natal. A teia interdiscursiva que tece essa imagem foi construída pelo narrador, por meio de uma cadeia de referentes — indigentes, inocente, camponês, coitado, faminto, flagelado — que retrata um sujeito em extrema pobreza, uma vítima social. Na estrofe 7, o narrador caracteriza o retirante como, “pobre nordestino / Desprotegido da sorte” (versos 3-4).

Tal constituição também está presente no cordel *Triste Partida*, de Patativa do Assaré, conforme análise desenvolvida por Santos e Santos (2023); na arte de Candido Portinari, em *Os retirantes*; em textos literários regionalistas, dos quais citamos *O quinze*, de Rachel de Queiroz e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, romances que narram, assim como *Emigração*, a trajetória de uma família de retirantes que é guiada pelo homem. Ele exerce o papel de chefe de família, quem toma as decisões a respeito do

destino de todos. É representado como uma figura de certa rusticidade, sobrevivente, apesar das muitas dificuldades que enfrenta, “pobre” beirando a miséria, trabalhador que luta pelo sustento dos seus, explorado cotidianamente por patrões que lhe pagam quantias injustas e insignificantes por sua força de trabalho.

A relação existente entre os textos citados consubstancia o interdiscurso como traço imanente ao dizer, ao mesmo tempo em que se apresenta como marca de sobredeterminação do sujeito. Nos diferentes textos, há uma reiteração da imagem do sujeito retirante, sertanejo, fruto de uma constituição social e histórica. Em *Emigração*, não há uma imagem própria do sujeito narrador sobre o retirante, mas a reiteração de uma constituição da imagem desse sujeito.

No jogo de formação imaginária, o retirante é representado pelo discurso do determinismo religioso, ou seja, pela concepção de que o sofrimento ou a bonança do homem ocorre com permissão divina. O discurso religioso se mostra nos versos de *Emigração*, primeiro pela oposição entre “paraíso” e “inferno”. Elementos desse discurso são usados para se referir à chuva que traz alegria e abundância de alimentos – “Quando há inverno abundante / [...] / reina um verde paraíso” – e à seca, nos versos, “porém não havendo inverno / reina um verdadeiro inferno” (Estrofe 7, versos 1, 6, 8-9). Na estrofe 13, esse discurso se mostra pelo símbolo da “cruz”, pela referência a “Jesus” e a “Padre Cícero Romão”, nos versos “cada qual com sua cruz / se valendo de Jesus / e do Padre Cícero Romão” (versos 8-10). Na sequência, a representação do discurso religioso ocorre por meio dos versos das estrofes 41 e 42 que simulam uma espécie de prece, uma súplica, para que Jesus interceda pelos “pequenos” e resolva os problemas da desigualdade social: “Meu bom Jesus Nazareno / pela vossa majestade / fazei que cada pequeno / que vaga pela cidade / tenha boa proteção”. Os “pequenos” são a representação imaginária do nordestino, diante da superioridade divina.

O retirante é um representante da situação de vulnerabilidade que os nordestinos passam no período de seca, fazendo emergir no cordel a questão da luta de classes. No verso 8, estrofe 9, os retirantes são “coitados famintos” que “invadirem os recintos da feira e do armazém” (versos 9-10, estrofe 11). A ação de saquear mostra que há duas categorias: os que

saqueiam e os donos dos locais saqueados. Os primeiros são pobres, retirantes que saqueiam como forma de combater a fome. A ação de saquear é justificada pela condição do sujeito, ele age assim porque tem fome. Nesses versos, pelo interdiscurso, o narrador retoma o discurso do determinismo social: o sujeito pobre é tendente à marginalidade, ele representa perigo à sociedade.

O discurso da luta de classes é observado ainda nos versos que retratam a condição de subemprego vivida pelo nordestino: quando está no Nordeste, é agregado, quando vai para o Sudeste é empregado, “seguindo penosos trilhos”. Tal discurso retrata a dicotomia social: “o desumano patrão / despede seu morador” (verso 9-10, estrofe 8); o patrão é “impiedoso [...] expulsa da sua terra / seu morador camponês” (versos 3-10, estrofe 9). Há um retrato da luta de classe representado pelos substantivos “patrão”, “morador”, “agregado” que expressam as posições sociais ocupadas pelos dois sujeitos: o primeiro exerce poder sobre o segundo, podendo, dessa forma, inclusive decidir e/ou influenciar o seu destino.

O discurso da luta de classe também se mostra por meio do conceito de mais-valia. Os versos “padecendo a mesma crise, / porque o pequeno salário / não dá para o necessário / da sua manutenção” (versos 4-7, estrofe 19) mostram que o pagamento injusto recebido pelo retirante não arca, suficientemente, com o sustento da família. Assim, para a família poder suprir suas necessidades básicas, os retirantes submetem-se à situação de exploração para receber menos que o mínimo: “aquele homem sem sossego/ mesmo arranjando um emprego / nada pode resolver / sempre na penúria está / pois o seu ganho não dá / para a família viver” (estrofe 16, versos 5-10).

A imagem do retirante é mostrada também por meio da figura feminina. Na estrofe 1, verso 8 – “a pobre esposa chorosa” – o adjetivo “chorosa” traz à memória o discurso de que a mulher é sempre mais frágil, ela chora, estado não atribuído ao homem. Na estrofe 33, a fragilidade feminina é apresentada pelo termo “iludida”, mostrando também essa fragilidade diante da expressão “monstro sedutor”. O referente feminino é poucas vezes citado no texto e, quando ocorre, é determinado por pronomes possessivos que relacionam o masculino “pai” às retirantes femininas “esposa” e “filha”, como nos versos “de sua esposa e seus filhos” (verso 4,

estrofe 22), “sua senhora” (verso 9, estrofe 22), “a sua filha (verso 5, estrofe 33). Nessa relação, pelo discurso, observamos um processo discursivo que sobrepõe o masculino ao feminino, reforçando o discurso patriarcal: as mulheres são membros de um corpo cujo governante é o homem, o pai.

No cordel, o discurso patriarcal se manifesta na figura do pai, que é o responsável pela tomada das decisões e pela provisão do sustento familiar. O cordel mostra um retrato da família tradicional — “o bom nordestino quer / estar sempre rodeado / por seus filhos e a mulher” (estrofe 17, versos 2-4) — na qual o pai está no centro. Na estrofe 22, essa imagem se mantém, quando a referência aos demais membros da família é determinada pelo uso de pronomes possessivos: “sua esposa e seus filhos” (verso 4) e “a sua senhora” (verso 9). A imagem e o discurso patriarcal se mantêm nos versos da estrofe 34 — “o pobre pai revoltado / fica desmoralizado / [...] a honra é a própria vida” (versos 5-6 e 9-10) — nos quais o narrador retrata a honra do pai como destaque. O fato de a filha ter se prostituído não é apresentado em relação a ela, mas como desmoralização do pai. O mesmo ocorre em relação ao filho que “é preso em flagrante”, mas o sofrimento é do pai — “seu filho a quem tanto ama” (versos 1-10, estrofe 37). Os versos destacam a imagem paterna que, nos acontecimentos, sobrepõe-se à dos demais membros da família.

Ao referir-se aos filhos dos retirantes, o narrador usa referentes diversos: “garotos” (verso 5, estrofe 23), “os inocentes” (verso 3, estrofe 25), “flagelados nordestinos” (verso 4, estrofe 25), “pirralhos” (verso 3, estrofe 27), “pequeno indigente” (verso 8, estrofe 30), “pequenino” (verso 8, estrofe 31), “menino” (verso 9, estrofe 31), “criança” (verso 1, estrofe 32). A lista de referentes nos permite ponderar os valores semânticos inferidos sobre a figura dos filhos retirantes: o retirante é ingênuo, sem malícias (garotos, inocentes, menino e criança), mas já traz consigo o destino dos adultos (flagelados nordestinos, pequeno indigente), o que nos reporta ao mito do bom selvagem (o homem nasce puro, mas a sociedade o perverte) e ao determinismo social. No cordel, o filho se envolve com a marginalidade e a filha, com a prostituição, devido às condições sociais a que são submetidos.

A imagem do retirante é, pois, uma construção determinista: o narrador apresenta o sujeito retirante, em *Emigração*, como aquele que se adequa a um modelo, colocando-o na posição de ser vítima social, que não escapa disso, apenas permanece na condição que lhe é pré-determinada.

Compreendemos esses movimentos discursivos mostrados no texto como resultado do efeito sujeito, pois tanto quem conta, o narrador, quanto as personagens, o sujeito retirante, são construídos por uma mesma base ideológica, porta-vozes de discursos historicamente construídos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a análise de *Emigração*, a leitura nos fez observar como discursos inter-relacionam-se no cordel, constituindo uma teia interdiscursiva; são atravessamentos que se mostram na constituição dos sentidos. Nessa perspectiva, o discurso sobre a emigração se materializou em enunciados atribuídos ao narrador e ao retirante, nos quais o sair da terra natal é uma necessidade, não um desejo. O retirante é retratado como alguém que se vê obrigado a abandonar sua terra, seus familiares e tudo o mais que faz parte do seu círculo de afeto, por necessidade e contra sua vontade, “deixando o caro torrão, / entre suspiros e ais” (versos 6-10, estrofe 14).

Na história contada, os discursos emergem como efeito de evidência, como é o caso do discurso da luta de classes, do discurso patriarcal, do discurso religioso. Nessa teia interdiscursiva, o discurso de denúncia social aparece durante todo o cordel, quando a imagem que se constrói do nordestino retirante é de uma vítima do abandono social, desvalido da sorte e de assistência. O narrador enfatiza essa situação ao citar a ausência de moradia, o que vestir e a falta de alimento. O nordestino retirante vive, “padecendo privação” de direitos básicos, segundo o cordel. É um sujeito marcado pelo determinismo social.

Nisto, refletimos a imagem do retirante construída pelo discurso do narrador, o modo como ele caracteriza o personagem nordestino: um indivíduo desfavorecido economicamente, abandonado socialmente, facilmente influenciável e corrompido pelo meio em que vive. Observamos que, por meio desta construção, em *Emigração*, a imagem discursiva que se destaca na narrativa é a de um sujeito marcado pelo determinismo, que está fadado a viver na miséria, sem que nada possa fazer para fugir dela, a pobreza é inerente a ele.

Durante análise, buscamos estabelecer relações com outros textos no intuito de mostrar que esta não é uma construção que ocorre em Emigração, mas resultante da relação entre o real da língua, que se mostra nos versos do cordel, e o real da história. Concluimos, portanto, que a imagem discursiva do retirante, retratada em *Emigração*, quanto ao discurso do nordestino retirante, marcado no cordel, não é inédita, há uma rede interdiscursiva já construída histórica e socialmente. Nesse sentido, a figura desse sujeito nordestino já foi mostrada em outros textos, mesmo que de formas diferentes, apresentando outras figuras e temas, mas retomando a mesma referência de nordestino retirante, como a apresentada no discurso do cordel, *corpus* da pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**: notas sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

ASSARÉ, Patativa do. **Cordéis e outros poemas**. Fortaleza: Edições UFC, 2006.

ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá**: filosofia de um trovador nordestino. 18 ed. Petropolis: Vozes, 2014.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. 2. ed. São Carlos, EDUFSCar, 2014.

LÉON, Jacqueline; PÊCHEUX, Michel. Análise sintática e paráfrase discursiva. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). **Análise do Discurso**: Michel Pêcheux – Textos Seleccionados. Campinas, SP: 4. ed. Pontes Editores, 2015. p. 163-173.

MAINGUENEAU, Dominique. **Pragmática para o discurso literário**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 6. ed. – São Paulo: Cortez, 2013.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni P. (Org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010. p. 49-59.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**. 4. ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2009.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: PIERRE, Achard. et. al. **Papel da memória**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015a.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 7. ed. Campinas – SP: Pontes, 2015b.

PÊCHEUX, Michel. Abertura do Colóquio. In: CONEIN, Bernard; COURTINE, Jean-Jacques; GADET, Françoise; MARANDIN, Jean-Marie; PÊCHEUX, Michel (Org.). **Materialidades discursivas**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

SANTOS, Valnecy Oliveira Corrêa. **Escrita e acontecimento discursivo**: uma análise discursiva do processo formativo do professor em dissertações do ProfLetras. Tese (doutorado). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2020.

SANTOS, Valnecy Oliveira Corrêa; SANTOS, Alexia da Silva dos. Uma leitura discursiva de a triste partida. **Afluente**: Revista de Letras e Linguística, v. 8, n. 23, p. 262–281, 2 Nov 2023. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/21309>. Acesso em: 4 set 2025.

CORRÊA-SANTOS, Valnecy Oliveira; SANTOS, Alexia da Silva dos. As imagens do nordestino retirante na teia interdiscursiva de "Emigração" de Patativa do Assaré. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 15, e95380, 2025. DOI: 10.36517/ep15.95380